

As terras de quilombos

são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

O Decreto 4.887/2003 define que o INCRA é o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos, com competência concorrente do Distrito Federal, estados e municípios. Para fins de regularização fundiária, o INCRA elabora Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, bem como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola. Esse trabalho tem gerado um grande acervo de dados, registrando de maneira inédita um arcabouço de manifestações e características dos quilombos nos períodos escravocrata e pós-escravocrata.

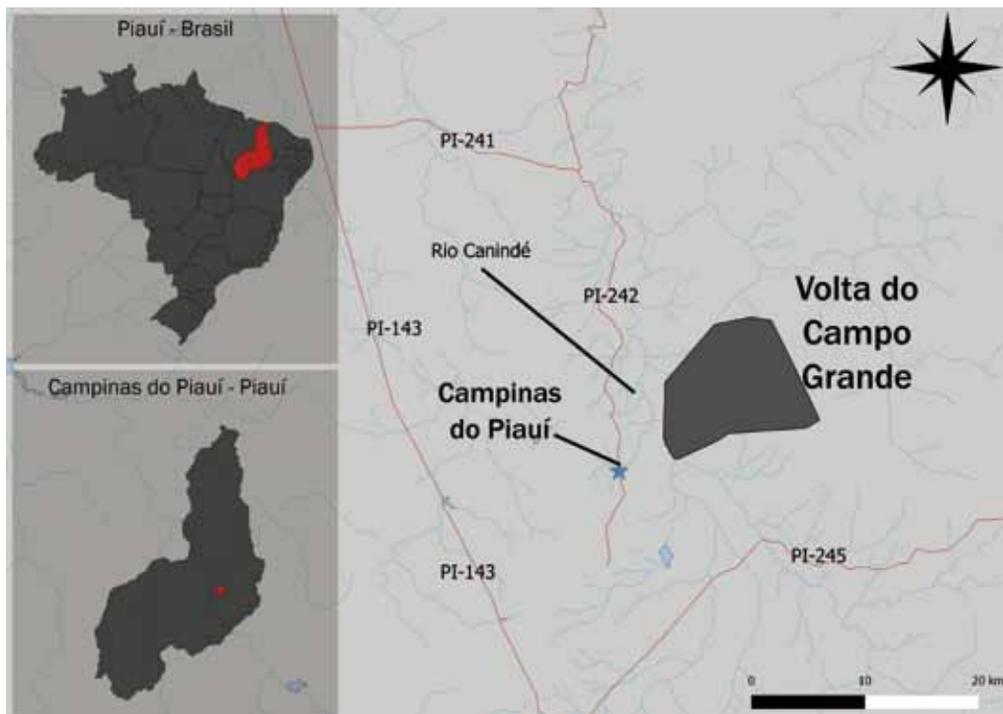
O objetivo da parceria entre INCRA, NEAD (SEAD) e UFMG é sistematizar e dar publicidade às informações contidas nos RTIDs, em muitos casos ignoradas pela historiografia oficial. Esse material, registrado no âmbito dos processos administrativos do INCRA, foi transposto para uma linguagem acessível, com o apoio de diversos colaboradores, destacando-se os autores das etnografias dos RTIDs. Os livretos trazem também depoimentos dos próprios quilombolas. Eles testemunham a continuidade de uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a compreensão da legitimidade de seu pleito pela titulação.

A publicação dos livretos visa, assim, a contribuir para o reconhecimento das comunidades quilombolas, estimulando a difusão de informações qualificadas sobre elas. Reunidas nesta Coleção, as histórias de resistência quilombola agora podem ser conhecidas mutuamente pelos quilombolas das diversas regiões do país. Espera-se também que este material forneça a gestores públicos, educadores, pesquisadores e demais interessados informações acessíveis sobre essas comunidades.



Comunidade Quilombola Volta do Campo Grande

A Comunidade Quilombola de Volta do Campo Grande está localizada no município de Campinas do Piauí, no Vale do Rio Canindé, região do semiárido piauiense, a cerca de 414 km de Teresina. O quilombo é composto por 08 localidades, Volta, Retiro, Ponta do Morro, Capitãozinho, Vaca Brava, Serrote, Boca da Baixa e Emparedado, que somam um território de aproximadamente 10.898 hectares. Esse território foi titulado em nome da comunidade pelo Instituto de Terras do Piauí (ITERPI), no ano de 2007, quando viviam ali cerca de 130 famílias descendentes de Hermenegildo, Honorato e Binga, primeiros moradores que deram origem aos 3 grupos familiares do quilombo.



A origem do Quilombo Volta do Campo Grande remonta ao final do século 19, entre 1885 e 1890, quando antigos vaqueiros, primeiramente alguns escravizados fugidos e, depois, alguns ex-escravizados já libertos, migraram para essa região a procura de terras onde pudessem viver e exercer seu ofício. O território quilombola está situado nas Datas Campo Grande e Castelo, áreas antes conhecidas como “Fazendas Nacionais”, que estiveram sob domínio dos padres jesuítas até o final do século 18, e que, a partir de 1822, passaram para a administração imperial. Os escravizados que, nesse período, ali trabalharam, ficaram conhecidos como “escravos da nação” e até hoje essa designação é destacada na memória de quilombolas que deles descendem.

“Escravos da Nação”

Os quilombolas de Volta do Campo Grande são conhecidos em toda a região como o “Povo da Volta” e esse nome é relacionado à criação de gado na região: após a invernada, os antigos vaqueiros soltavam o gado que se espalhava em busca de pastagens, seguindo até as terras da antiga ‘Fazenda Campo Grande’. Dali em diante não tinha para onde seguir e eram obrigados a fazer a volta. A este lugar nomearam como ‘Volta do Campo Grande’.

A história da Comunidade Quilombola Volta do Campo Grande relaciona-se ao regime de escravidão na região do estado do Piauí, nas fazendas de criação de gado. Desde aproximadamente a segunda metade do século 17, quando as terras do atual Piauí pertenciam à capitania de Pernambuco, criadores de gado se direcionavam à região em busca de novas áreas para sua atividade. Esse movimento se intensificou com a proibição da pecuária a menos de 10 léguas do litoral, em decorrência de disputas entre pecuaristas e produtores de cana de açúcar.

Com a expansão da criação de gado na região do atual Piauí, muitas sesmarias foram doadas para assegurar o domínio da Coroa Portuguesa sobre as novas áreas conquistadas. Os primeiros a receber sesmarias foram Domingos Afonso Mafrense, Julião Afonso Serra,

Francisco Dias de Ávila e Bernardo Gago, totalizando 40 léguas de extensão, aproximadamente 360.000 hectares para cada sesmeiro, ou seja, cerca de 5,7% do atual território piauiense. Em 1697, havia nessa região 129 fazendas de gado, localizadas às margens de 33 rios, lagoas, riachos e olhos d'água. Os grandes latifúndios começavam a predominar, inclusive através de doações irregulares de sesmarias. A produção dessas fazendas era predominantemente baseada no trabalho de negros escravizados, inclusive os trabalhos de vaqueiros e auxiliares de vaqueiros.

Domingos Afonso Mafrense recebeu posteriormente novas sesmarias nas margens dos rios Gurguéia, Paraim, Tranqueira, Parnaíba e na região de Parnaguá. Todas essas terras eram dedicadas a criação de gado e as atividades eram feitas por trabalho escravo. Ao falecer em 1711, a administração de seus latifúndios ficou a cargo da Companhia de Jesus no Brasil até 1759, quando teve seus bens confiscados pela Coroa, sob o comando de Marques de Pombal.

A vasta extensão de terras, então sob domínio da Coroa, foi dividida em três departamentos: Canindé, Nazaré e Piauí. Canindé e Nazaré situavam-se em área próxima onde hoje é centro de município de Campinas do Piauí. Cada departamento se compôs de fazendas, conhecidas nesse período como “Fazendas do Fisco”, que mantiveram-se especialmente dedicadas à criação de gado baseada no trabalho escravo. Os negros escravizados nessas fazendas foram denominados de “escravos do fisco” e deviam obediência direta à Coroa, o que lhes conferia um *status* diferenciado. Em 1782, nessas fazendas que já somavam 1010 cavalos, 1816 bestas e 50.670 cabeças de gado vacum, havia 489 escravizados.

Não eram raras as fugas e os levantes, inclusive pelos “escravos do fisco”. Em 1779, alguns escravizados formaram uma comissão e encontraram-se diretamente com o governador da capitania, reclamando da violência imposta pelos administradores das fazendas pertencentes à Coroa. Uma mulher escravizada chegou a escrever uma carta direcionada ao governador, denunciando os maus tratos sofridos em uma dessas fazendas. **Houve também protestos mais severos como a formação de quilombos em toda a região, até mesmo no interior das Fazendas do Fisco. Documentos oficiais**

indicam sua existência no local onde hoje é o município de Campinas do Piauí, próximo à localização atual da Comunidade Quilombola Volta do Campo Grande. Um documento registra que nessa exata região,

nos grotões do Ligeiro, próximo ao Emparedado, que eram cheios de garrancheira, unhas-de-gato, favelas, tudo quanto era pau-de-espinho ficava a quinta de Zacarias. Ali era couro de escravos fugidos e dos agregados corridos das fazendas. Ali vivia como bicho bruto, vestido de couro. Dominava os bichos e as caças. Zacarias foi muito falado. Os capitães de mato que tentavam ir buscar escravos fugidos, se não eram atacados por onça ou cobra, perdiam o rumo, não acertavam nem a entrada nem com a saída da Quinta. Lugar de alegria e festa, altas horas da noite só se ouvia os tambores de couro de anta e o sapateado dos escravos fugidos. (trecho extraído de Rocha, Odeth Vieira da, Manduba: memória do nordeste, Editora e gráfica Sindical, Rio de Janeiro, 1994:107)

Em 1822, com a proclamação da independência do Brasil, as Fazendas do Fisco passaram a integrar o patrimônio da nação brasileira, ficando conhecidas como “Fazendas Nacionais”, e os negros que ali trabalhavam conhecidos como “escravos da nação”. Essas terras passaram a ser administradas por Delegados da Fazenda, e como não prosperavam, o Parlamento Nacional autorizou a venda ou o arrendamento de muitas dessas propriedades.

As fazendas localizadas nos departamentos de Canindé e Nazareth (na região do atual município de Campinas do Piauí) foram destinadas a um senhor Dr. Antônio José Sampaio por meio de um contrato de concessão, firmado em 1889. Essas fazendas foram concedidas de “porteira fechada”, com cerca de 15.000 cabeças de gado e mais de 400 descendentes de escravizados e ex-escravizados que trabalhavam extraindo matéria prima para a fábrica (após a abolição da escravatura em 1888, muitos ex-escravizados continuaram sendo explorados em diferentes atividades produtivas). Nessa região funcionou um importante estabelecimento rural e uma fábrica de laticínios movida a vapor cuja produção se destacou na economia da região, até meados da década de 1940. Ainda hoje é possível avistar seu prédio em ruínas no centro de município de Campinas do Piauí.



Fábrica de Laticínios, na atualidade.

Fonte: Relatório Antropológico, 2006

Trabalhadores na escadaria da
Fábrica de Laticínio.

Fonte: Relatório Antropológico, 2006.



Inicialmente o dono da fábrica tentou recorrer à mão de obra italiana para operar as máquinas, mas, devido às péssimas condições, esses trabalhadores se revoltaram e foram repatriados. Com isso, muitos negros foram buscados nas fazendas para o trabalho na fábrica, e várias formas de coerção permaneceram sendo utilizadas contra esses trabalhadores, como o “quarto escuro”, de onde contam que as pessoas saiam “doidas ou mortas”.

Histórias do “Povo da Volta”

O Quilombo Volta do Campo Grande formou-se entre 1885 e 1890, ligado à migração de antigos vaqueiros das fazendas nacionais à procura de novas pastagens para a criação de gado. São considerados como fundadores do quilombo: Hermenegildo, Honorato e Binga, primeiros antepassados que chegaram na região em busca de terra para viver e trabalhar. Mas a memória do quilombo faz referência também a outras pessoas, já vivendo na região.

O primeiro negro que chegou foi o Zé Maroto. Era vaqueiro velho dessas fazendas. Uma tal de Poção. Veio chegar aqui e não tinha família. Falou pro Hermenegildo que tinha muito tatú, peba que ninguém quer, e o Hermenegildo passou a andar prá esses lados daqui. Ele vinha lá do Mundão. Daí ele perguntou pro Zé Maroto, “- Cadê a água?”. Então o Zé Maroto mostrou os tanto de olho d’água lá prá cima desses morro de pedra. Então o Hermenegildo falou que não ia mais ficar indo e vindo não. Foi no Mundão e buscou a muié e as coisas tudo. Tinha um pessoal primeiro, mas acho que era dos escravos antigos mesmo. Tinha uns tanques velhos. Ainda vê o modo da parede e o sangradouro do tanque. Fica bem ali em cima, de parelha com a última casa (Seu Minga, quilombola da Volta do Campo Grande, 2006).

Hermenegildo foi o primeiro antepassado a chegar na região de Volta do Campo Grande, vindo do lugar chamado “Mundão”, e ali passou a trabalhar no trato do gado. Depois vieram Honorato, chamado de “Norato”, que era seu sobrinho, e o Binga, também vindos de Mundão para viver “na Volta”.

O Norato era sobrinho do Hermenegildo. Ele [Hermenegildo] já tava aqui [há] uns 2 anos. Aí Norato enlouqueceu. Precisava amar-rá ele se não ele se jogava dos morro. Aí levava ele [Norato] para o trabalho. Com pouco foi dando o Norato a torna e tornou. Arrumou um casamento e casou. Ficou por aí e criou a família. [...] Binga veio de lá do mesmo lugar [Mundão]. Aí veio e ficou tudo arranchado aí... Tem uns ou outros que é de fora, mas é isso aí que você vai topar por aqui. É esses nego do Hermenegildo, Norato e Binga. O



Parte da parede do tanque antigo,
Volta do Campo Grande.

Fonte: Relatório Antropológico, 2006

Hermenegildo ficou de cabeça de campo [ajudante de vaqueiro] do Zé Norato. A casa dele era bem aqui do lado. Ainda tem a forma da casa aí. O Norato ficou na Volta também e o Binga ficou na Vaca Brava (fala de Seu Minga, morador quilombola).

Os descendentes dos antepassados de Hermenegildo, Honorato e Binga formam hoje três grupos familiares de Volta do Campo Grande. A maioria dos casamentos nesses grupos é realizada entre primos e quase não há pessoas de fora na comunidade, o que é explicado, em parte, pelas dificuldades de acesso à região. O grupo dos Binga, por exemplo, é o que mais evidencia descendentes diretos, por ser um tronco familiar em que mais predominaram os casamentos entre primos. Esse tronco familiar vive na localidade de Vaca Brava, situada em uma área central do território, de difícil acesso e, portanto, um pouco mais isolado. **Essa singularidade gerada pela maioria de casamentos entre primos é motivo de orgulho para o “povo da Volta”. Essas uniões permitem traçar uma linha direta entre antepassado fundador e descendentes, como afirma Seu Minga em sua fala: “Eu sou Hermenegildo todo”.**



Seu Minga, do tronco dos Hermenegildo.
[Acima]

“Seu Hemestino”, membro do tronco de Honorato, morador da localidade de Volta.
[Acima, à dir.]

Criança do tronco de Hermenegildo, residente na localidade de Capitãozinho.
[À dir.]

Fonte: Relatório Antropológico, 2006.



Vida em comunidade

Os descendentes de Hermenegildo, Honorato e Binga se distribuem entre as diferentes localidades do território quilombola de Volta do Campo Grande. O agrupamento das casas nessas localidades e o uso das áreas de cultivo e de criação de animais é feito conforme critérios de descendência, se orientando através das relações de herança de cada família. A maioria das roças se localiza na área denominada "baixão" e são cultivadas por cada núcleo familiar, em geral formado por mãe, pai e filhos. Esses roçados seguem lado a lado e são normalmente delimitados pelo sistema de "faxina", um tipo de cerca construída com gravetos para impedir o acesso dos animais de criação.

Os principais alimentos cultivados pelos quilombolas "da Volta" são o milho – utilizado, sobretudo, para a suplementação alimentar dos rebanhos – o arroz, o feijão e a mandioca. O milho e o arroz ocupam as melhores terras, nos baixões, e o feijão e a mandioca são plantados em áreas mais arenosas, consideradas "mais fracas".

No passado a mandioca era muito cultivada em toda a comunidade. Hoje ela é cultivada principalmente na localidade de Capitãozinho, onde existe uma casa de farinha comunitária. Toda a produção de goma e farinha serve para o consumo das famílias quilombolas e os subprodutos da mandioca são usados na alimentação de aves e porcos. A agricultura normalmente é associada às atividades de pecuária e, na atualidade, assim como foi para seus antepassados, a pecuária semi-extensiva é a principal atividade produtiva quilombola,



Cerca do tipo "faxina".

Fonte: Relatório Antropológico, 2006



Rebanho no pasto.

Fonte: Relatório Antropológico, 2006.



Casa na localidade de Volta. Na janela a quilombola Dona Ana.

Fonte: Relatório Antropológico, 2006.



Casa na localidade de Vaca Brava.

Fonte: Relatório Antropológico.

principalmente a criação de gado bovino e de bode. No período das chuvas os rebanhos são soltos nas áreas de chapada, pois há boa oferta de pastagem natural. Durante a estiagem, os animais ficam restritos à áreas cercadas, preparadas com “pastagem de pisoteio” entre restolhos de cultivos de alimentos.

As áreas de chapada são de uso coletivo e normalmente são utilizadas pelos quilombolas para o pastoreio e para o extrativismo de mel, de madeira e de ervas medicinais. A produção de mel é uma atividade tradicional na região e podem ser encontradas algumas colmeias no quilombo.

Outro ofício tradicional na comunidade é a construção de casas feitas com pedras que garantem uma temperatura agradável em seu interior. A maioria das moradias em Volta do Campo Grande é construída dessa maneira, havendo algumas poucas feitas de barro ou de tijolo cru. As casas de pedra são uma marca do Povo da Volta e não são encontradas em nenhuma outra comunidade vizinha.

Até o ano de 2006, a maioria dessas residências não possuía abastecimento de água, sendo utilizada a água do Rio Canindé, dos barreiros, dos poços e dos olhos d’água existentes no território. Na estação da seca, muitas famílias costumam vivenciar a falta d’água, sobretudo aquelas que vivem em localidades mais distantes do rio. Mulheres e crianças, em sua maioria, realizam grandes trajetos em busca de água para beber ou para tratar a criação.



Quilombolas buscando água.

Fonte: Relatório Antropológico, 2006.



Passagem do Leo.

Fonte: Relatório Antropológico, 2006.

O Rio Canindé é muito importante para a comunidade pois constitui uma de suas principais fontes de água. Há ainda três barragens de alvenaria de pedra e concreto, situadas nas localidades de Volta, Capitãozinho e Ponta do Morro, utilizadas pelos animais e para algumas atividades domésticas. Essas barragens foram construídas por Padre Geraldo, personagem importante para muitas comunidades no semiárido do Piauí. A passagem de Padre Geraldo no território é um marco para o Povo da Volta, pois suas obras ajudaram a minimizar algumas adversidades provocadas pela incidência irregular de chuvas e pela falta d'água.

O acesso mais utilizado para se chegar ao território de Volta do Campo Grande é feito por meio de uma passagem que atravessa o Rio Canindé, somente transitável durante o período seco. As duas travessias existentes são conhecidas como Passagem do Leo e Passagem do Vaqueiro. Há outros caminhos possíveis, mas a viabilidade de todos eles varia de acordo com os períodos secos e chuvosos. Em períodos chuvosos, o rio costuma impedir a comunidade de acessar os trajetos usuais. No ano de 2004, uma grande cheia isolou o quilombo por mais de 25 dias.

Em Volta do Campo Grande não há sistema de transporte regular e os quilombolas utilizam muares e motocicletas para se dirigirem à sede de Campinas do Piauí. Grande parte dos moradores costuma realizar caminhadas de longa distância, principalmente aqueles que não possuem animal ou veículo para transporte. A energia elétrica foi instalada no quilombo em 2006, atendendo parte dos moradores.

Na comunidade existem três escolas situadas nas localidades de Boca da Baixa, Retiro e Volta. Até 2006, essas escolas atendiam apenas alguns níveis de ensino fundamental que se restringiam à alfabetização e a algumas operações matemáticas, não havendo material didático para apoio. Devido à estrutura das edificações, o calor era intenso nas salas de aula e não existiam carteiras suficientes para todos os alunos. É comum alguns jovens se dirigirem à Campinas do Piauí para terminarem o ensino fundamental e outros migrarem para o sudeste à procura de emprego.

Em Volta do Campo Grande existia, até 2006, apenas um agente de saúde do Programa Saúde da Família (PSF). No município de Campinas do Piauí há um centro de saúde para atendimentos ambulatoriais e quando há necessidade de atendimentos mais complexos ou para casos graves, os moradores têm que se dirigir aos municípios de Oeiras ou Simplício Mendes.

Festas e tradições quilombolas

O Povo da Volta é reconhecido em toda a região por sua ascendência negra e pelas festas realizadas desde os tempos dos antepassados, Hermenegildo, Honorato e Binga. Seu Atanásio, vizinho da comunidade, relembra algumas dessas festas antigas:

(...) Eu sabia das festas (...). Lá na Volta tinha o finado Binga, Norato, Hemenegildo, o Felipe, vixe era muita gente. (...) Fui lá num casamento que foi ali na fábrica em Campos. Na fábrica velha num sabe? Depois todo mundo foi pra Volta. Tinha muita carne de criação, galinha, depois o tocador começou a tocar. Foi uma noite só, até o sol amanhecer. Lá (na Volta), tinha poucas pessoas que não era negro. A maioria lá era negro mesmo. Era mais negro do que outra cor. O Hemenegildo, negro daí da Volta, morreu com a dentadura e as vistas. Era velho duro. Morreu caçando. O Norato e Mariano era fazedô de cerca. (Seu Atanásio, 2006)

A comunidade também é reconhecida por seu tradicional “samba de cumbuca”, motivo de orgulho entre o Povo da Volta, como relembra o vizinho, seu Atanásio:



Terreiro do Pai Valmir, em Volta do Campo Grande.

[Acima]

Água de cheiro no Terreiro do Pai Valmir.

[À esq.]

Fonte: Relatório Antropológico.

Eram muitos sambistas. De qualidade mesmo. (...) Tinha o João de Hemenegildo que era o mais importante de fazer proeza. Tirava em primeiro lugar. Tinha o Zuca Binga, Mariano de Norato, o Mel, Diolino, o Minga (...), Maria de Mel, Ana do Minga, Teresa de Henerthisno. (Atanásio, 2006)

Uma marca da religiosidade de matriz afro-brasileira em Volta do Campo Grande são as “noites de Xangô”, nas quais se reúnem moradores de todas as idades para celebrar os orixás e outras entidades.

Os moradores de Volta do Campo Grande são conhecidos ainda pelo Jucá, um saber quilombola que envolve uma técnica de luta de defesa, algumas vezes associada à capoeira. O Saber Quilombola do Jucá foi reconhecido como bem de referência cultural imaterial pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), no ano de 2014.

A conquista do território quilombola

A força quilombola é a marca da história de Volta do Campo Grande desde o tempo em que seus antepassados migraram para o território das Fazendas Nacionais Campo Grande e Castelo, entre 1885 e

1890. Ali eles passaram a viver da criação de gado, trabalhando como vaqueiros e ajudantes de vaqueiros.

Durante o século 20, muitas fazendas nacionais foram vendidas a particulares. Outras fazendas foram transferidas para o patrimônio do Governo do Estado do Piauí na década de 1940, dentre elas, as terras onde hoje vivem os quilombolas de Volta do Campo Grande. Durante década de 1980, o Estado do Piauí dividiu essas fazendas em várias glebas, que foram concedidas de modo individual e aleatório aos moradores que ali viviam.

Com essas divisões, muitas famílias quilombolas receberam as posses de suas terras, mas a ausência de titulação dificultou o acesso da comunidade a diferentes políticas públicas, como aquelas voltadas aos pequenos agricultores. As áreas de uso comum, como a Chapada da Volta, permaneceram em nome do Estado e foram apossadas por algumas pessoas de fora da comunidade.

No ano de 2006, o Povo da Volta obteve a certidão de autodefinição quilombola pela Fundação Cultural Palmares. Como resposta ao processo de reconhecimento quilombola em Volta do Campo Grande, alguns posseiros ergueram cercas ao longo do território, inclusive nas áreas de chapada, restringindo a circulação e os modos de vida da comunidade.

Os descendentes de Hermenegildo, Honorato e Binga passaram a reivindicar a titulação coletiva de seu território tradicional, marcado por histórias de resistência de negros e negras - agricultores, lavadeiras, mestres de ofícios, sacerdotes, vaqueiros e sambistas. A titulação do território de Volta do Campo Grande foi conquistada pelos quilombolas em 2007, celebrando a força e a resistência secular do Povo da Volta.

Esta narrativa foi escrita por Maria Letícia de Alvarenga Carvalho com base no Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Negra Remanescente de Quilombo Volta do Campo Grande, realizado pelo antropólogo Eduardo Campos Rocha e pelo engenheiro agrônomo Paulo Gustavo Alencar em 2006. Informações adicionais: IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Mapeamento e Salvaguarda do Saber Quilombola do Jucá. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1011/>. Acesso em 25 de julho de 2016.

Uma palavra da comunidade

Volta do Campo Grande

Os primeiros moradores da comunidade de Volta do Campo Grande eram negros que se esconderam nas chapadas para fugir da escravidão e foi o Seu Hermenegildo Pereira da Macena quem chegou primeiro ao território. O reconhecimento dessa origem aconteceu em 2007, quando então decidimos lutar para termos o registro das terras onde fomos criados.

Vivemos num lugar rodeado de morros. Entre os morros temos uma terra plana, em que de um lado e de outro mora só a comunidade negra de Volta. No meio temos uma grotta que forma um riacho. Nesse grotão há uma cacimba muito antiga, onde minava água salgada, que servia para lavar a massa de mandioca. E na nossa história temos orgulho do tradicional samba de cumbuca e do trabalho na terra.

Na roça fazemos mutirões para plantar feijão e milho. É a forma que encontramos para cada um ficar com uma parte. Nos últimos tempos com a falta de inverno – tempo das chuvas – ficou difícil plantar mandioca, então perdemos treze aviamentos de moer. Mas em 2016 o tempo ajudou e plantamos quatro tarefas de mandioca.

No momento, temos muita vontade de fazer um poço para aguar a mandioca, para criação de bode na chapada, e também de fazer uma casa de farinha na roça. Mas precisamos de ajuda, pois ainda vivemos da aposentadoria dos mais velhos. Eles ajudam os filhos e netos. E para completar a renda vendemos, às vezes, porcos, bode ou um garrotinho e, de vez em quando, algum doce.

Já o samba de cumbuca, fazemos sempre que dá vontade. Nós fazemos no meio do terreiro, mas sonhamos também com uma casa para o samba de cumbuca. Recentemente conversamos sobre a importância de comprar tecido para quem participa do grupo, mas isso ainda não aconteceu.

Não podemos nos esquecer do Seu Domingos Pereira da Macena e do Seu João Pereira da Macena porque eles foram homens muito bons, conhecidos de todos. Foram eles que fundaram o samba de cumbuca aqui na Volta. Um dos filhos de Seu Domingos, Inácio Pereira da Macena, é atualmente o enfrentante e chefe do samba.

Projeto Formulação de uma Linguagem Pública Sobre Comunidades Quilombolas

PARCERIA	INCRA/CGPCT/NEAD; UFMG/OJB, CERBRAS
COORDENAÇÃO GERAL	Lilian C. B. Gomes, Juarez Rocha Guimarães, Leonardo Avritzer, Rodrigo Ednilson de Jesus
CONCEPÇÃO DE TEXTO, EDIÇÃO FINAL E SUPERVISÃO	Fernanda de Oliveira, Juarez Rocha Guimarães, Rodrigo Ednilson de Jesus
CONSULTA ÀS COMUNIDADES	Aline Neves Rodrigues Alves
ADMINISTRAÇÃO	Agnaldo P. Ferreira Júnior, Danúbia Zanetti, Priscila Z. Martins
MAPAS E FOTOGRAFIAS	Alexander Cambraia N. Vaz
PROJETO GRÁFICO	Paulo Schmidt

C198qv Carvalho, Maria Letícia de Alvarenga
Quilombo Volta do Campo Grande / Maria Letícia de Alvarenga Carvalho. -
Belo Horizonte : FAFICH, 2016.

16 p. (Terras de quilombos)

Baseado no Relatório técnico de identificação e delimitação do território da comunidade negra remanescente de Quilombo Volta do Campo Grande, realizado pelo antropólogo Eduardo Campos Rocha e pelo engenheiro agrônomo Paulo Gustavo de Alencar em 2006.

1. Quilombos. 2. Antropologia. 3. Rocha, Eduardo Camps. Relatório o técnico de identificação e delimitação do território da comunidade negra remanescente de Quilombo Volta do Campo Grande. 4. Alencar, Paulo Gustavo de. Relatório o técnico de identificação e delimitação do território da comunidade negra remanescente de Quilombo Volta do Campo Grande I. Título. II. Série.

CDD:306

CDU:39

MICHEL TEMER
Presidente da República

ELISEU PADILHA
Ministro da Casa Civil

JEFFERSON CORITEAC
Secretário Especial de Agricultura Familiar
e do Desenvolvimento Agrário

JOSÉ RICARDO RAMOS ROSENO
Secretário Executivo Adjunto

CARLOS EDUARDO OLIVEIRA BOVO
Diretor do Núcleo de Estudos Agrários e
Desenvolvimento Rural - NEAD

JÚLIO BRAGA MANDÚ
Coordenador do Núcleo de Estudos Agrários
e Desenvolvimento Rural - NEAD

LEONARDO GÓES SILVA
Presidente do Instituto Nacional de
Colonização e Reforma Agrária - Incra

ROGÉRIO PAPALARDO ARANTES
Diretor de Ordenamento da Estrutura
Fundiária - Incra

ANTONIO OLIVEIRA SANTOS
Coordenador Geral de Regularização
de Territórios Quilombolas - Incra

GUILHERME MANSUR DIAS
ISABELLE ALLINE LOPES PICELLI
JULIA MARQUES DALLA COSTA
Coordenação Executiva do Projeto

SERVIÇOS QUILOMBOLAS
Apoio técnico – Superintendências do
Incra nos estados

A Coleção Terras de Quilombos

reúne um conjunto de narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e preconceções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira.

UFMG

CERBRÁS
CENTRO DE ESTUDOS
RURAIS E AMBIENTAIS

IB
CES - AL

Quilombos

INCRA nead

SECRETARIA ESPECIAL DE
AGRICULTURA FAMILIAR E DO
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CASA CIVIL

BRASIL
GOVERNOS UNIDOS